



Do Verbo
à blasfêmia
dos fariseus

Um Só Evangelho

Marcio Bertachini

1º
Ciclo



CRISTOescrito

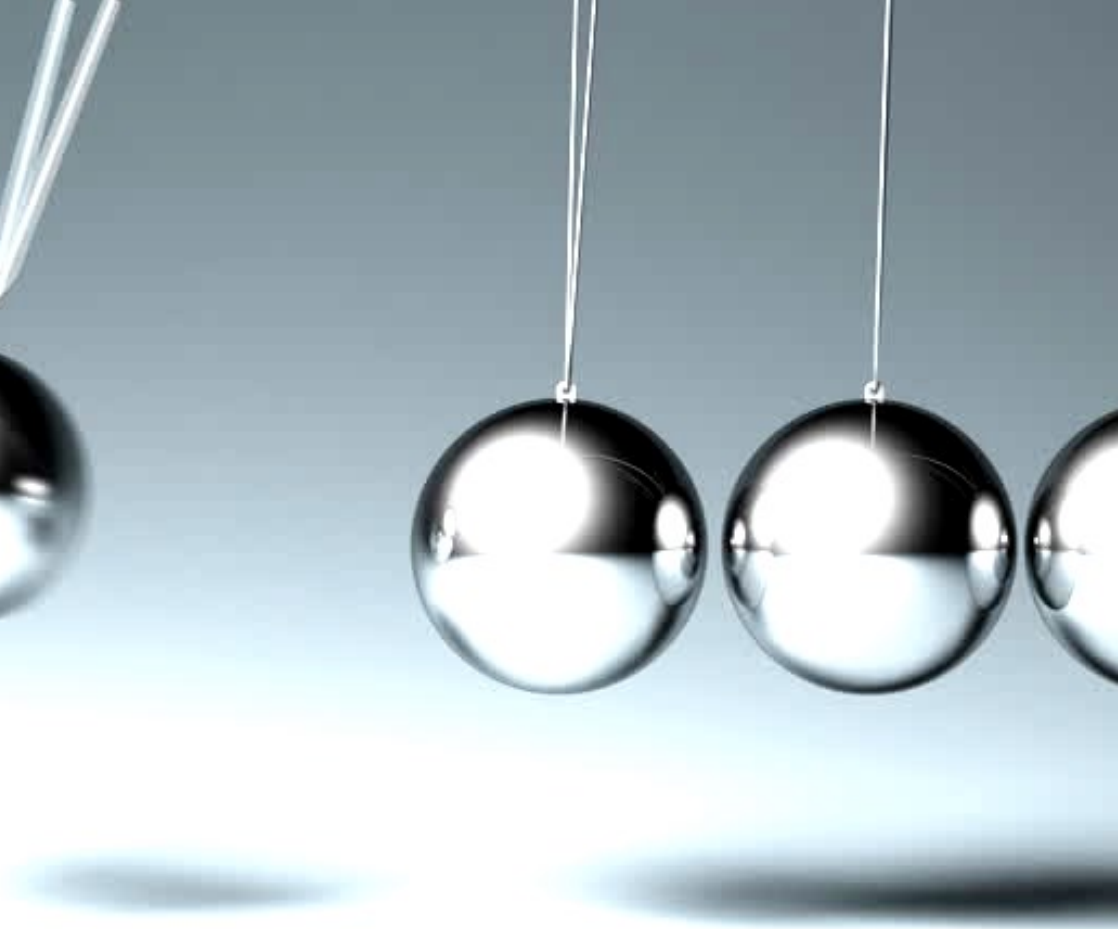


Projeto Gráfico e Edição
Márcio Bertachini

Composição – 04/2001 a 03/2002
Santo André – São Paulo

Reedição – 2024
Atibaia – São Paulo

cristoescrito@hotmail.com



A toda ação
corresponde uma reação
de igual intensidade,
porém em sentido contrário.

Princípio da Ação e Reação
ou Terceira Lei de Newton

A respeito do 1º Ciclo

Era meu intuito apresentar esta compilação dos quatro Evangelhos em um único livro. Mas quando vi o volume do trabalho final, achei por bem dividi-lo em quatro partes. A nova questão então passou a ser: onde fazer a divisão sem ferir o conteúdo de cada parte e do todo?

Buscando elementos para tal, percebi que o ministério de Cristo foi dividido em quatro períodos distintos, bem demarcados pelos escritores.

Assim, este primeiro volume, denominado agora ‘ciclo’, inicia com a encarnação do Verbo, relatado por João, indo até a primeira blasfêmia dos fariseus e escribas.

Neste ciclo inicial, de forma geral, Jesus se apresenta como o Rei de Israel, para a nação de Israel. O reino de Deus é apresentado em todo o seu vigor nos sermões da montanha e da planície.

A esta ação celestial, com todos os milagres e ensinamentos do Mestre, todas as suas demonstrações de poder e misericórdia, bem como a primeira purificação do templo, reações a mais diversas se esboçaram. Mas a mais terrível foi a que demarcou seu novo modo de agir para com Israel: a rejeição dos líderes do povo, tanto espirituais como governamentais.

Sua linguagem simples passou a ser escondida por entre as parábolas. Isto ficará também claríssimo para o leitor e leitora, a partir do segundo ciclo.

O primeiro ciclo, pois, começa com a mais rica bênção de Deus, e culmina com a mais vergonhosa reação dos judeus, mostrando inequivocamente que todos estão debaixo do pecado.

O segundo ciclo não será diferente.

Como se deu a compilação

“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro” (Ap 22.18-19).

Sob este peso e direção é que compus esta compilação dos Santos Evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, que discorrem sobre o nascimento miraculoso, a vida imaculada, a morte preciosa e a ressurreição gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo, em um único livro.

Não foi tarefa fácil. Primeiro pela enorme quantidade de informações contidas nestes Evangelhos, com o agravante de os escritores terem abordado a vida e a pessoa de Jesus sob um determinado ponto de vista, e de forma nem sempre cronológica. E a segunda razão, e também a mais perversa, pela tradição que recebemos de nossos pais, sem os devidos questionamentos. Vamos esmiuçar um pouco mais estas dificuldades.

Muitos cristãos sabem que Mateus enfatiza Jesus como Rei; Marcos o mostra como servo; Lucas, como homem; e João o eleva à Divindade. E estes enfoques, obviamente, levaram a narrativas em que, embora centradas no mesmo personagem, um livro contenha comentários que outro omite totalmente. Ou, o que se poderá perceber algumas vezes, parecendo-se tratar de um mesmo acontecimento, pela semelhança dos textos, na verdade os fatos ocorram em tempos distintos, depois de uma observação mais acurada.

Exemplificando o que me propus a realizar, se tomarmos como fato a crucificação de Jesus, Mateus relata que na cruz foi

escrita a seguinte sentença:

“ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS” (Mt 27.37).

Marcos relata: “O REI DOS JUDEUS” (Mc 15.26).

Lucas, por sua vez, mostra: “ESTE É O REI DOS JUDEUS” (Lc 23.38).

João, finalmente, revela: “JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS” (Jo 19.19). Observe as lacunas.

ESTE É JESUS,O REI DOS JUDEUS
.....O REI DOS JUDEUS
ESTE ÉO REI DOS JUDEUS
.....JESUS NAZARENO,.....REI DOS JUDEUS

Nenhum dos quatro textos revelou a totalidade do que fora escrito em sua condenação. Portanto, com a união das passagens referidas, teríamos o seguinte na íntegra:

“ESTE É JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS”.

Nenhuma palavra falta, nenhuma se repete.

Mas este é um caso fácil de se resolver. Uma simples comparação das passagens já é suficiente para se esclarecer a questão. Mas e, por exemplo, quanto à afirmação de Jesus sobre Pedro, que este o negaria três vezes antes que o galo cantasse, relatado em Mateus, Lucas e João, e um outro relato em Marcos que diz que Pedro o negaria duas vezes antes que o galo cantasse três vezes? Soma-se a isto a dificuldade de encontrarmos vários personagens envolvidos na história, em dois diferentes locais, e em distintas ocasiões. Como coadunar tudo isto?

Ou por exemplo, na famosa e intrigante transfiguração de Jesus ante os discípulos, cujos livros de Mateus e Marcos o colocam seis dias depois de um certo depoimento seu, e Lucas o coloca como sendo quase oito dias depois deste mesmo pronunciamento. Alguém mais apressado poderia alegar que quase oito poderia significar seis. Um físico, ou um engenheiro, poderia permitir uma negligência como esta em sua área de trabalho? Você contrataria, descansadamente, um profissional assim? Se em nosso mundo moderno necessitamos cada vez mais de precisão, e ele certamente passará, por que negligenciarmos as revelações da Palavra de Deus, que “não hão de passar”?

E aqui devemos fazer um importante comentário. E este comentário é a base, ou pedra angular, de toda a revelação escrita no livro chamado Bíblia. Foi a partir desse pressuposto e revelação que foi possível unir os quatro Evangelhos em uma só narrativa, apesar de todos os preconceitos em contrário.

Usando o mesmo exemplo acima, estamos absolutamente convencidos de que Pedro negou Jesus três vezes naquela noite fatídica. E a partir deste conceito, ou preconceito por assim dizer, propus reunir as passagens relativas a estas negações. Só houve um pequeno problema. As passagens não se encaixavam de forma precisa e natural. Por um momento me desesperei. Será que não havia saída para tal impasse?

Havia partido da premissa correta de que “a Escritura não pode ser anulada” (Jo 10.35). Sabia que “a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”, e que “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação” (2 Pe 1.20-21). Não fazia nada mais que estar “comparando as coisas espirituais com as espirituais” (1 Co 2.13).

A própria Palavra de Deus e o Espírito que em mim habitava testificavam que o impasse estava certamente na minha incompetência em alcançar as profundezas de Deus, e jamais, nunca, poderia haver falha nas Escrituras Sagradas. E com esta cer-

teza, levantei-me de minha cadeira, apreensivo e desconsolado, e fui refrescar minhas ideias com um copo de água. Enquanto bebia, orei assim: Ah, Senhor! Eu sei que a tua Palavra é perfeita. Preciso de tua iluminação, ou não vou poder realizar esta tarefa. Ajuda-me!

Então mais uma vez o Senhor mostrou-me a sua benignidade. Como numa iluminação momentânea, e não saberia como explicar, o Senhor sussurrou-me no fundo da minha mente algo que eu nunca pensaria de mim mesmo. E a partir desta pequena pista pude montar o quebra cabeça, que o leitor poderá verificar no texto à frente. E a resolução deste questionamento calou ainda mais fundo naquela certeza, já alicerçada, de que os Evangelhos jamais poderiam conter as alegadas contradições, como alguns assim classificam apressadamente. Devo mencionar que esta passagem sempre me intrigou profundamente, e isto muito antes de sequer pensar em fazer tal compilação. E me sentia tão apreensivo quanto a ela, que logo nas primeiras páginas deste trabalho, avancei para esta passagem “problemática”, pois se eu não pudesse resolvê-la, temia não poder realizar a tarefa a que me propusera. Resolvida a questão, soube intimamente que as demais passagens teriam o mesmo destino, e regressei ao ponto em que havia interrompido, certo de que só pararia no amém final.

Mas o que deve ser ressaltado ao leitor é que não só os Evangelhos participam desta graça, mas “toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça: para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Tm 3.16-17), e que “as sagradas letras... podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15).

No entanto, quando o leitor apreciar o texto único, não terá um texto sagrado, ou canônico, apesar de estar lendo somente os Evangelhos. Porque se fosse canônico, ou fizesse parte da Palavra de Deus, deveria estar contido dentro da Bíblia, e graças a Deus não está. O Espírito de Deus resolveu por bem narrar a vida de Jesus em quatro narrativas separadas, de forma que o

texto unificado não sofre a inspiração mencionada por Pedro em 2 Pe 1.20-21.

Aqui se pode dizer o inverso do que se diz da Bíblia. A Bíblia não contém a Palavra de Deus; ela é a Palavra de Deus. O texto à frente não é a Palavra de Deus; simplesmente **contém** a Palavra de Deus.

A vida do Messias deveria ser assim comentada, sob quatro pontos diferentes de vista, para que se cumprisse o que Moisés diz: "... pela boca de duas testemunhas, ou pela boca de três testemunhas, se estabelecerá o negócio" (Dt 19.15). E o próprio Messias assim o confirma, dizendo: "E na vossa lei está também escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro" (Jo 8.17). Portanto, temos que dois apóstolos confirmam sua humanidade, e outros dois que confirmam sua divindade, pois "por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda a palavra" (2 Co 13.1).

Reunindo então tudo o que já dissemos, se os quatro relatos são a Palavra de Deus, que não podem errar, e eles comentam sobre a vida de uma única e indivisível Pessoa, os quatro Evangelhos devem, naturalmente, ser passíveis de uma união perfeita e equilibrada. Com isto em mente é que pude integrar os quatro documentos em um só; e nos casos em que houvesse possíveis contradições, devido à forma diferente de narrar dos Evangelistas, estas deveriam ser resolvidas de forma natural no momento da reunião dos relatos, para que se tornassem um, da mesma forma que o personagem retratado é um, e o Espírito que os inspirou é um só.

Usei, para tal conteúdo, sem diminuir ou aumentar a Palavra de Deus, para que não incorresse nas pragas descritas no início desta introdução, uma fórmula muito simples: não poderia introduzir sequer uma vírgula no texto reunido. Como no caso citado acima, onde lemos a inscrição "Este é Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus", o leitor poderá verificar que as quatro frases estão dentro desta única frase, sem acrescentar ou subtrair nada.